

O papagaio implume

José Nêumanne

De tanto repetir piadas com o bicho falante, o brasileiro terminou se transformando numa espécie de papagaio implume a reproduzir hipóteses absurdas, que não se sustentam ao primeiro sopro de realidade, nos campos político e econômico.

Um passarinho irresponsável andou soprando em todos os ouvidos que o País não tem moeda. Essa mentira tem um fundo de verdade. É verdadeira, por exemplo, a assertiva de que o cruzeiro, nosso padrão monetário, anda mais desmoralizado do que gato em canil. Com essa desmoralização, perdeu-se a noção de valor, não se sabendo mais, por exemplo, o que está caro e o que anda barato (sinceramente, nada mais é barato). E, por causa disso, o hábito de converter tudo para dólar está ganhando mais adeptos do que a torcida do São Paulo Futebol Clube, nesta safra de títulos.

Não se pode esconder também o fato de que a desvalorização desavergonhada do cruzeiro expõe as calculadoras e os computadores a um número de dígitos inimaginável para seus fabricantes que vivem em países praticamente sem inflação. Isso não quer dizer, contudo, que se viva num País sem moeda, caso dos alemães em determinados períodos de Weimar e como quase chegou a ocorrer no Brasil na transição do governo de José Sarney para Fernando Collor de Mello. Fala-se em moedas podres ou em dinheiro sem valor. Constatar, contudo, a mera inexistência da moeda é uma mentira perigosa.

Aves de mau agouro, com suas asas negras e seus vãos soturnos, têm refletido em suas pupilas ensanguentadas um quadro de iminente convulsão social. Fala-se numa inevitável explosão social, numa horda de famintos constituindo-se num exército e avançando sobre mansões, palácios e palacetes, em busca de troféu do campeonato mundial da injustiça social. Mais uma vez, manipula-se uma meia verdade.

O quadro de injustiça social é evidente e inegável. No entanto, a fome não é (nem nunca foi, aliás) instrumento de mobilização política ou revolucionária. Da mesma forma, a situação nas grandes cidades brasileiras, incluindo São Paulo e mesmo o Rio de Janeiro, não é radicalmente oposta à de outras metrópoles em países diferentes. Os moradores de Nova York, Cidade do México ou Moscou não podem se sentir peixes fora d'água ao caminhar pelas ruas dos mais populosos centros urbanos brasileiros.

Esse quadro de injustiça social revoltante resulta da inoperância e da incompetência da economia brasileira. Mas seria muito arriscado para qualquer analista sério e competente fazer comparações apressadas com outros países da América Latina. A economia brasileira é maior e mais complexa do que a soma das economias uruguaia, argentina, chilena, boliviana, paraguaia e peruana, por exemplo. Isso não quer dizer que os exemplos dados por esses países devam ser evitados. Ao contrário, o caso chileno é, no mínimo, um paradigma a ser acompanhado com atenção pelos brasileiros.

Mas como imaginar uma situação econômica insolúvel num país que, no meio de uma crise como a atual, conseguiu, neste primeiro semestre, aumentar a produção industrial em 7%, no mínimo, segundo dados divulgados pela venerável Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro? Como mergulhar no fundo do poço da depressão se os investidores estrangeiros depositaram nas bolsas de valores do Brasil recursos de mais de US\$ 1 bilhão, uma quantia 179% superior aos investimentos estrangeiros feitos no mesmo mês de abril do ano passado?

O Brasil é um caso sério e renitente de resistência a políticas racionais para acabar com a inflação. Isso precisa ficar bem claro. Nenhum desses dados positivos pode obscurecer o fato de o fantasma da hiperinflação continuar rondando a atividade produtiva brasileira, como um espantalho plantado no meio de um arrozal. A inflação é mesmo o imposto mais injusto que existe, por atingir mais o bolso do trabalhador do que a conta bancária do empresário. A perda de poder aquisitivo da moeda concentra a renda, corrompe a sociedade e altera, definitivamente, seus conceitos éticos e morais. O desmoronamento do valor real dos salários acaba com o crédito, abala a confiança e corrói o moral.

Tudo isso é absolutamente verdadeiro. Mas é falso imaginar que a perspectiva da hiperinflação transforma o Brasil num território inviável, como parece ser, no momento, o campo minado da Bósnia. Os brasileiros enfrentam enormes dificuldades, empobreceram violentamente nos últimos 15 anos e não vêem muitas perspectivas de voltar a enriquecer. Mas a situação geral da sociedade brasileira, mesmo marginalizada do processo produtivo, mesmo marcando passo num mundo que anda a jato, não pode ser comparada à dos muçulmanos massacrados pelos sérvios na ex-Iugoslávia.

Da mesma forma que de nada adiantou a euforia das priscas eras do milagre econômico artificial do regime autoritário tecnocrático-militar, o pânico, que, no momento, se apossa dos caça-fantasmas instalados nos parlamentos e nas páginas dos jornais e das revistas, não ajuda em absolutamente nada aqueles que ainda se esforçam para reconstruir o Brasil. Ao contrário, esse pavor é destrutivo, funciona como uma espécie de veneno, a curto prazo entorpecente, mas inevitavelmente letal a um prazo mais dilatado.

O Brasil tem uma moeda desmoralizada, mas ela ainda existe. Pode estar nos estertores, mas ainda existe. Nas ruas de nossas cidades não se instalou uma guerra civil. Os **marines** não estão prontos para desembarcar em Roraima ou no Amapá para internacionalizar a Amazônia. Nos quartéis não há um golpe militar em marcha. A questão mais importante agora é descobrir a quem interessa esse medo, a serviço de quem tanto fala esse apavorado papagaio implume.